

HASHTAGS E TRENDING TOPICS: A LUTA PELO(S) SENTIDO(S) NOS ESPAÇOS ENUNCIATIVOS INFORMATIZADOS

Juliana da Silveira *

RESUMO: Este artigo tematiza a materialidade discursiva do digital, explorando as noções de normatização e espaços enunciativos informatizados (GALLO e SILVEIRA, 2017) nos estudos do texto e do discurso que tomam os espaços digitais como objeto de análise. Como recorte teórico-analítico, procura investigar a materialidade das hashtags na discursividade do arquivo, tendo como fio condutor a emergência da hashtag #mariellepresente nos trending topics do Twitter, a partir da retomada de análises discursivas de outras hashtags políticas nesse mesmo espaço. A discussão teórica e o(s) resultado(s) da análise permitem mostrar o modo como sujeitos e sentidos se (re)significam nos espaços enunciativos informatizados, notadamente no Twitter, cuja normatização produz uma disputa pelos sentidos ordinários forjados pela digitalização do cotidiano.

ABSTRACT: This paper revolves around the issue of the digital discursive materiality, exploring the notions of normatization and informational enunciative spaces (GALLO e SILVEIRA, 2017) and their productivity for studies regarding text and discourse which focus on analysis regarding digital subjects. Specifically, it seeks to investigate the materiality of hashtags in the discursivity of the archive, focusing on the emergence of the #mariellepresente hashtag in Twitter's trending topics in relation to other discursive analysis of political hashtags in this same space. The theoretical discussion and its analytical results allow us to show the way subjects and meanings are (re)signified in informational enunciative spaces, notably Twitter, where normatization processes produce a dispute for ordinary meanings forged by the digitalization of the everyday experience.

PALAVRAS-CHAVE: *Materialidade Digital. Sujeitos ordinários. #MariellePresente.*

KEYWORDS: *Digital materiality. Ordinary subjects. #MariellePresente.*

INTRODUÇÃO

*"Brasil, meu nego deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra[...]
Tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato! [...]
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês"
(História para ninar gente grande, SAMBA... 2019)*

O estudo da materialidade digital tem colocado desafios significativos para os mais diversos os estudos do texto e do discurso. Sem nos atermos às diversas teorias

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

linguísticas e discursivas que se dedicam a estudar o digital, podemos dizer que, de modo geral, diferentes formas de pensar esse “espaço” são tateadas na direção de uma definição apropriada para as pesquisas desse campo. As pesquisas arriscam nomeações como gêneros digitais, espaços digitais, tecnologias digitais, ambientes digitais, ciberespaço, nos dando uma pista da complexidade teórica e metodológica que o trabalho com esse campo apresenta.

Nesse contexto, buscamos compreender o digital a partir de um recorte teórico-metodológico específico, tendo como ponto de partida principal tanto nossas pesquisas sobre os discursos ordinários nas mídias sociais digitais (SILVEIRA, 2015), quanto as reflexões sobre a materialidade digital a partir da noção de escritorialidade. (GALLO, 2011). Propomos, desse modo, pensar o funcionamento dos textos e discursos nas mídias sociais digitais, tomando essas mídias como espaços enunciativos informatizados, com critérios de normatização próprios da materialidade digital. (GALLO e SILVEIRA, 2017).

A ênfase conferida às normatizações da materialidade digital é uma forma de dar visibilidade para o nível da formulação e circulação dos discursos, assim como para as diferentes materialidades significantes (LAGAZZI, 2009) aí imbricadas, uma vez que a digitalização dos dizeres cotidianos estão aí regulados e sobredeterminados pela normatização técnica dos *softwares* e aplicativos e, portanto, os diferentes discursos irão, nessa relação, significar diferentemente. Interessa-nos mostrar, entre outras coisas, que a normatização dos espaços enunciativos informatizados estabelece outras formas de significar, uma vez que a normatização técnica dos dizeres incide sobre a formulação e a circulação dos discursos e, aí, eles podem funcionar por consenso ou contradição. (GALLO e SILVEIRA, 2017). Assim, nossas reflexões também vão ao encontro das considerações do digital propostas por Adorno (2015), segundo o qual a materialidade digital comporta diferentes materialidades significantes que podem ser compreendidas também como materialidades em composição. Para esse autor, a materialidade digital expõe a contradição “de um outro modo, trabalhando a incompletude entre as linguagens. [Pois] as materialidades em composição não resultam, necessariamente, em um encontro harmonioso, mas podem resultar em um desencontro contraditório”. (ADORNO, 2015, p. 119).

A normatização digital, vista na relação entre sua materialidade técnica (PEQUENO, 2019) e os gestos de leitura já realizados pelos programadores por meio de uma espacialização digital do dizer (ADORNO, 2015) engendra outros modos de regulação/circulação dos discursos. Dessa forma, pensar a normatização é, também, um modo de devolver aos textos e discursos a sua opacidade, chamando a atenção para aquilo que é da ordem de um “esquecimento da técnica”, conforme propõe Pequeno (2019). Partimos dessas reflexões em conjunto/confronto, para explorar, neste artigo, a

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

materialidade das *hashtags* na discursividade do arquivo, tendo como fio condutor a emergência da *hashtag* #mariellepresente¹ nos *trending topics* do Twitter, em março de 2018. A análise se dá, vale lembrar, a partir da consideração de resultados de análises discursivas de outras *hashtags* políticas do/no Twitter, realizadas em outros momentos do cenário político brasileiro. (SILVEIRA, 2013, 2015, 2016, 2017, 2019).

As análises aqui apresentadas, compreendem os processos enunciativos que marcam, também, gestos de resistência, pontuados em nossas análises por uma tensão e disputa dos sujeitos pelos sentidos. Uma tensão que se estabelece pelas formas como a normatização e a espacialização digital dos saberes determinam modos de luta pelo posicionamento de uma *hashtag* nesse espaço, a partir da qual se estabelece, paralelamente, uma disputa pelos sentidos ordinários forjados pela/na digitalização do cotidiano. De um lado, modos de regulação dos dizeres ordinários e, de outro, emergência de vozes historicamente silenciadas; (não) evidências das formas de luta que hoje se dá sob a forma de uma imbricação material que produz o efeito de encontro entre perfis e pessoas, ruas e telas.

1. A MATERIALIDADE DIGITAL

Temos considerado que o estudo da normatização dos espaços enunciativos informatizados, permite explorar a instância da circulação, mas, também, a de formulação, já que os processos de normatização “[...] acontecem sobretudo na instância da formulação. Ou seja, toda e qualquer produção de sentido, com base material digital, está determinada por parâmetros formais normatizadores, próprios dos espaços enunciativos informatizados”. (GALLO e SILVEIRA, 2017, p. 176).

Uma vez que a relação dos sujeitos passa a se dar a partir das determinações técnicas dos *softwares* com os quais as plataformas/aplicativos são construídas/escritas, considerando que cada uma delas se propõe como um espaço de “livre” interação entre os sujeitos, é importante determinar as diferentes (im)possibilidades de interlocução que aí se constroem. A normatização de um espaço enunciativo informatizado incide sobre a formulação e circulação dos discursos, produzindo um efeito de homogeneização e apagando a contradição constitutiva dos discursos que aí se re(produzem). O apagamento dessa contradição, por sua vez, produz o efeito de sentido de que temos aí espaços de interação social no qual “todos” estariam enunciando em condições de igualdade.

Pensar os apagamentos e o efeito de homogeneização produzidos pela normatização técnica desses espaços é, também, conforme propõe Pequeno (2019), buscar compreender os modos de esquecimento da materialidade técnica. Para o autor, a materialidade digital.

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

[...] é determinada por mais do que a materialidade da história e da língua. Também faz parte do jogo a materialidade de suas formas empíricas de constituição e circulação. [E] o apagamento regular do papel dessa materialidade técnica constitui, na nossa leitura, algo que não pode ser descrito como menos do que uma forma de esquecimento discreta e definível para a análise de discurso. Um esquecimento da espessura técnica de um enunciado. (PEQUENO, 2019, p. 206).

Falar em normatização de espaços enunciativos informatizados permite, pois, tratar do modo como a materialidade técnica também é da ordem de um esquecimento que apaga para os sujeitos o fato de que, ao dizer/escrever – e, portanto, "interagir" – a partir desses espaços, eles se submetem a procedimentos técnicos que são também eles tomados pelos sujeitos na sua transparência. O que a tese de Pequeno (2019) nos permite ver e explorar é, portanto, que procedimentos técnicos, aparentemente banais, como curtir, compartilhar, comentar, seguir, deixar de seguir, bloquear, adicionar, são normatizações que incidem sobre as discursividades ao mesmo tempo em que se constroem a partir de memórias e esquecimentos técnicos e discursivos. Nesse sentido, nossa aposta aqui é, também, procurar compreender os princípios dessa regulação técnica sobre os discursos buscando pensar aspectos dessa regulação que, no confronto com a língua e com a história, falha.

Temos insistido que os diferentes espaços enunciativos informatizados organizam a interlocução de forma diferenciada, exigindo que em nossos procedimentos de análise consideremos as normatizações próprias de cada um deles. Para isso, partimos dos estudos realizados por Gallo (2011), tendo como central a noção de escritorialidade, forma discurso própria do digital, a partir da qual, conforme propõe a autora, as formas discursos de escrita e de oralidade estão imbricadas. Ao analisar o modo como os discursos de escrita e de oralidade circulam na internet, Gallo (2016, p. 312) propõe a noção de escritorialidade, considerando que

Essa categoria discursiva congrega discursividades que têm as características do Discurso de Oralidade, mas que, no entanto, são tornadas públicas pelo dispositivo tecnológico da internet, ganhando, assim, um certo efeito de fim e de unidade, embora fugaz, confundindo-se, muitas vezes, com o Discurso de Escrita, embora não se vincule, na origem, a nenhuma instituição tradicional de poder (dizer). Ou seja, os discursos que se produzem na internet não só originam-se aí, como aí tornam-se públicos, duas condições que negam tanto o Discurso de Escrita quando o de Oralidade, respectivamente. Passamos, então, a referir-nos às discursividades que têm essas características e que são próprias da internet, (Facebook, Twitter, Youtube) como Escritorialidade.

Em contraponto aos discursos de escrita, responsáveis pelo efeito de fecho e, conseqüentemente, pelo efeito de legitimidade dos textos e discursos, a autora considera os discursos da oralidade, que são, por sua vez, fugazes, fragmentados e sem

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

legitimidade. Os discursos de oralidade, segundo a autora, não produzem, portanto, o efeito-autor.ⁱⁱ Na materialidade digital, a normatização, ao recair sobre os modos de formulação, exercerá papel fundamental para as determinações do sentido, pois

O encontro entre critérios técnicos de normatização e legitimação e critérios discursivos de normatização e legitimação, é que resultam em discursos na forma de escritoralidade. Esse encontro pode acontecer por consenso ou por contradição. A forma discurso de escritoralidade caracteriza-se, então, por comportar um discurso de escrita ou de oralidade imbricado em um espaço enunciativo informatizado. (GALLO e SILVEIRA, 2017, p. 177).

Neste artigo, portanto, o que nos interessa compreender de modo mais específico é como a normatização funciona na produção de efeitos de sentidos sobre os discursos ordinários no espaço enunciativo do Twitter.

2. A NORMATIZAÇÃO E A ESPACIALIZAÇÃO DO DIZER NO TWITTER

No espaço enunciativo informatizado do Twitter, a normatização e a espacialização digital do dizer incide sobre um modo determinado de leitura dos dizeres ordinários, no embate entre um efeito sujeito-usuário, individualizado, e um efeito-sujeito ordinário, coletivo. Para Adorno (2015, p. 45), a espacialização dos dizeres na tela do computador já é um gesto de interpretação do(s) programador(es) da página virtual, uma vez que estabelece os “mecanismos que movimentam o (não) acesso aos elementos significantes”. Um gesto que, ao separar e ligar significantes de uma maneira dada, pela espacialização na tela e por cliques, produz leituras possíveis. O autor chama atenção, ao falar da espacialização, para aquilo que Lagazzi (1988) compreende como uma forma de tensão que se dá no momento da interlocução, uma vez que “já ter a sua posição de interlocutor estabelecida ou ter que defini-la no momento da interlocução, acarretam diferentes maneiras de brigar com/pelo poder, mas trazem sempre a mesma necessidade de lidar com a tensão”. (LAGAZZI, 1988, p. 97 *apud* ADORNO, 2015, p.45).

Podemos dizer que, no Twitter, a espacialização digital do dizer tem como elemento central a chamada linha do tempo (*timeline*). Essa centralidade, conferida pelo desenho da página, joga com a relevância dada pelos usuários à lista de assuntos do momento (*Trending Topics*). Nesse caso, a noção de espacialização digital do dizer nos permite compreender que há um jogo de forças que materializa, de um lado, a ênfase do espaço nos perfis individuais, mostrando o que cada um diz, estabelecendo a lógica de “seguidores”, e, de outro lado, o interesse dos sujeitos nos dizeres cotidianos, no coletivo. Vemos, nesse jogo, construções possíveis de espaços comuns que a lógica da midiatização transforma em uma disputa pelos sentidos ordinários.

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

Assim, podemos dizer que a espacialização dos dizeres no Twitter, permitindo seguirmos uma linha do tempo relacionada ao perfil e outra relacionada aos *Trending Topics*, organizados sob a lógica midiática de um “top 10” ou “os mais comentados”, instaura uma forma singular de leitura afetando, conseqüentemente, o modo como os temas/episódios/acontecimentos são significados. Embora não seja possível determinar cada uma das variáveis que o algoritmo estabelece para nos dizer quais tuítes podem/devem ser considerados “pertinentes sobre uma questão”, é possível considerar que o conjunto de variáveis está organizado a partir do princípio de midiaticização dos dizeres. Em outras palavras, a midiaticização é o modo como aquilo que é listado nos *trending topics* apaga, em certa medida, a heterogeneidade do arquivo, uma vez que o efeito que aí se produz é o de que “todos estão falando dessas mesmas coisas” ou, pelo menos, de que são os assuntos mais importantes para a maioria dos sujeitos-usuários.

Nosso gesto de análise neste artigo, se dá a partir de dois momentos diferenciados de observação. De um lado, procuramos compreender como tuítes com a *hashtag* #MariellePresente surgem na linha do tempo que se produz a partir do perfil pessoal @silveirajuliana, ou seja, são tuítes formulados por perfis que seguimos no Twitter e que já comporta uma memória de trocas entre nosso perfil e os perfis com os quais nos relacionamos. De outro lado, faremos uma leitura da linha do tempo criada a partir do clique na *hashtag* #MariellePresente, no momento em que ela figurava nos *trending topics* do Twitter. Nesse caso, os tuítes que compõem a linha do tempo são, em tese, todos aqueles que contêm na sua formulação a *hashtag* #MariellePresente, nesse caso, a linha do tempo apresenta tuítes não só de perfis que seguimos, mas também de perfis desconhecidos. Os dois gestos de interpretação indicam um recorte teórico-metodológico que permite tanto compreender a espacialização dos dizeres, quanto chamar a atenção para o fato de que as escolhas que a normatização do Twitter oferece implicam em modos diferentes de leitura do arquivo e, conseqüentemente, na produção de efeitos de sentidos diversificados sobre os sentidos forjados no ordinário das redes de relação que aí se estabelecem.

3. A MATERIALIDADE DAS HASHTAGS NA DISCURSIVIDADE DO ARQUIVO

Como sabemos, uma *hashtag*, em linguagem de programação, é um *link* com a função de “vincular textos”, permitindo o acesso a um “conjunto de dados” que fica “armazenado na internet”. Paveau (2013) chama a atenção para a natureza compósita das *hashtags* que são, ao mesmo tempo, de natureza técnica e linguageira, na definição da linguista, tecnopalavras. Discursivamente, portanto, um *link* não é apenas um elemento técnico, já que ele diz de um modo – e não de outro – como tudo aquilo que está “disponível” na rede, está sendo articulado, seja por sujeitos programadores, seja por inteligências artificiais, seja pelos sujeitos-usuários que, em suas formulações possíveis, acessam, criam, reúnem ou compartilham “links” nos diferentes espaços informatizados.

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

A esta altura já está evidente, e, quando falamos “evidente”, estamos remetendo também aos esquecimentos que toda evidência produz, de que quando falamos de *hashtag* estamos também falando de uma prática languageira, que é tanto uma prática técnica quanto uma prática discursiva. Sendo assim, podemos afirmar que uma *hashtag* constitui arquivo e, por isso, deve ser compreendida em seu aspecto sócio-histórico ideológico. Trata-se, ainda, vale ressaltar, de uma prática que já se historiciza de um determinado modo, já que podemos citar a existência de algumas *hashtags* que remetem a um campo de questões políticas e sociais determinado que já constitui, de certa forma, parte de uma gramática política cotidiana, tais como: #foratemer, #ogiganteacordou, #somostodos (alguma coisa), #somostodosguaraniKaiowa etc.

As *hashtags* estabelecem, necessariamente, uma ligação intra e interdiscursiva com as formulações e circulações dos espaços enunciativos informatizados, pois “embora na superfície do arquivo digital as relações visíveis das *hashtags* remetam ao seu caráter hipertextual (vinculadora de textos), elas indicam a existência de uma estrutura que relaciona de modo complexo arquivo e memória”. (SILVEIRA, 2015, p. 68). Isso porque, mesmo quando se formula/circula fora de um espaço enunciativo informatizado, ela remete a dizeres e práticas que dizem respeito a um modo de funcionamento das discursividades que é próprio da materialidade digital.

O mecanismo de produção político-midiática dos dizeres ordinários em torno de temas e pautas políticas específicas, como vimos nas análises de *hashtags* em período eleitoral (SILVEIRA, 2015), reduz os dizeres ordinários a um cálculo de palavras que enreda - na rede digital - o debate público em um incessante jogo de opiniões e controvérsiasⁱⁱⁱ que, em grande parte dos casos, já sabemos que são inegociáveis e inconciliáveis, mas que seguem se (re)produzindo sob o efeito de “interação” e de uma (im)possível “conversa global”. Vemos, aí, o modo como a materialidade digital, sobretudo no tocante à normatização dos espaços enunciativos informatizados, joga com a necessidade dos sujeitos construírem “universos logicamente estabilizados”. Por isso, gostaríamos de explorar a complexidade do arquivo e levar a sério a afirmação de Pêcheux (1998, p. 50) de que, diante da necessidade de construção de universos logicamente estabilizados, é “[...] imperioso reconhecer que toda língua natural é também, e antes de tudo, a condição de realização de existência de universos discursivos não estabilizados logicamente”.

Ou, ainda, como defendem Guilhamou, Maldidier e Robin (2016, p. 116) que “a instituição - e a classificação arquivística que ela impõe” - é sempre, para eles, “uma questão problemática imperfeita”. Isso porque “o arquivo não é o reflexo passivo de uma realidade institucional; ele é; em suas próprias materialidade e diversidade, organizado por seu campo social.” Consideramos, portanto, que, como todo processo de interpelação, os processos de interpelação dos espaços enunciativos informatizados também são lugares de resistência, pois, ao mesmo tempo em que apontam para um efeito sujeito-

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

usuário - por suas promessas de interlocução sem mediação e pautada na reunião dos muitos uns em práticas utilitaristas - produzem um deslocamento que permite aos sujeitos passarem de um lugar de enunciação que, por um @, o individualiza, para um lugar de enunciação que, por via de elementos como as *hashtags*, permite um lugar de enunciação coletivo. Esse duplo funcionamento soma para a produção de um efeito de unidade ao texto coletivo que se constrói, como veremos, na análise da linha do tempo da *hashtag* #MariellePresente.

4. LEITURA DA *HASHTAG* #MARIELLEPRESENTE A PARTIR DE DUAS DIFERENTES LINHAS DO TEMPO: "O AVESSO DO MESMO LUGAR"

Neste tópico continuamos analisando a emergência da *hashtag* #mariellepresente^{iv}, que, conforme já dissemos, se deu em dois momentos diferenciados. Os primeiros gestos de leitura que realizamos dessa *hashtag* iniciaram no dia 14 de março, dia em que ela surgiu nos *trending topics* do Twitter e se estendeu por cerca de 4 ou 5 dias após. Coincidentemente, no mesmo dia, eu^v preparava um texto, intitulado "A materialidade das *hashtags* na discursividade do arquivo", cuja proposta era, justamente, apresentar os trabalhos de minhas pesquisas sobre a Materialidade Digital.

Sem a pretensão de realizar uma análise exaustiva das *hashtags*, comecei a acompanhar, simultaneamente, tanto a linha do tempo criada a partir da *hashtag* que constava nos *trending topics*, quanto a linha do tempo criada a partir de minha própria conta no Twitter. Eu fazia, assim, no "calor do acontecimento" um batimento entre a leitura das duas linhas do tempo, ao mesmo tempo em que ia lendo rapidamente matérias de jornais e portais de notícias que eram citados ou "linkados" pelos tuites com a *hashtag* #MariellePresente.

Começo aqui pela análise dos tuites que comportavam a *hashtag* #MariellePresente e que surgiam na linha do tempo do meu perfil @silveirajuliana. Uma primeira série que procurei recortar dessa linha do tempo tinha como regularidade tuites que não diziam respeito ao fato trágico da morte de Marielle, mas, sobretudo, faziam referência à própria emergência do "tema" e da *hashtag* #mariellepresente no Twitter. É esse o objeto dos enunciados, aquilo que os *trending topics* apresentam como um fato extraordinário. Destacamos, na sequência, alguns tuites que permitem melhor compreender esse modo de funcionamento. O primeiro deles é o tuite publicado pelo perfil @fabiomalini, no dia 17 de março de 2018, dois dias após o atentado.

DOI: 10.29327/214648.8.31-9



Figura 1 - Tuite de: @fabiomalini, 2018.

Chama a atenção o modo como o tuite nos remete a um certo modo de ler o arquivo, sobretudo pela presença de significantes que dizem respeito aos processos de normatização do Twitter. Significantes que apontam para a centralidade de uma normatização baseada na quantificação/visibilidade, na organização da interlocução em torno de um “tema”, “infelizmente ‘esse tema’ né?”, na ênfase ao “engajamento” mediado também de modo quantitativo, “o maior engajamento da série histórica - de 2012 a 2018”, e a geolocalização desses dizeres, “de 45 países diferentes”. Uma formulação que se constitui de significantes que materializam um modo de leitura do arquivo que está também assentado nos critérios de normatização técnica pré-definidos pelo Twitter. Um modo de leitura que toma tais significantes em sua transparência, uma vez que podemos nos perguntar: o que significa “engajamento”? O que é um “tema do Twitter”? O que é engajamento de uma série histórica no Twitter?

A formulação indica modos de leitura do acontecimento político que está centrado, também, em uma razão matemática e estatística que diz respeito a um certo modo de, científica e socialmente, ler o arquivo hoje. Em que momento esses dois modos de ler se aproximam e se distanciam, na medida em que se formulam e circulam sob a normatização digital? Diria que o gesto de leitura científica do acontecimento político, que se dá a partir do *big data* e dos modernos programas de análise automática dos enunciados, ao se formular e circular no espaço no mesmo espaço que pretende analisar, acaba por reforçar, no momento mesmo em que a *hashtag* circula, o seu efeito de sentido de extra-ordinário.

Em outras palavras, ao mesmo tempo em que procuramos saber sobre o trágico episódio por meio de um espaço enunciativo informatizado, vamos nos “encontrando” com formulações que apontam para os diferentes gestos de interpretação possíveis, produzidos por sujeitos que enunciam a partir de formações discursivas heterogêneas. Lemos e somos lidos pelos sistemas automáticos no momento mesmo em que lemos e escrevemos sobre os acontecimentos. Vemos que nesse modo de ler a quantidade

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

significa, pois funciona legitimando posições, justificando uma série de procedimentos segundo os quais, partindo da lógica de quantificação dos dizeres, importa saber quantos @perfis “usam” uma *hashtag*.

Vejamos um segundo recorte. Entre os tuitos que apareciam na minha linha do tempo, alguns apresentavam *links* que remetiam insistentemente para uma matéria jornalística publicada no portal da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da FGV, cuja manchete reproduzimos na imagem que segue.



Figura 2 - Fonte: FGV DAPP, 2018

A manchete recorta o episódio por sua capacidade de "mobilização", resultado da quantidade de "menções" que o caso Marielle produziu no espaço enunciativo. Uma leitura da leitura do acontecimento em tempo real? Destacamos, a seguir, dois trechos da matéria que apontam também para a razão estatística desse(s) modo(s) de leitura do acontecimento.

A morte da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco, na noite da última quarta-feira (14), no Estácio, bairro da Zona Central da capital fluminense, **teve expressivo impacto nas redes sociais, mobilizando 567,1 mil menções no Twitter em 19 horas (entre as 22h do dia 14/03 e as 17h do dia 15/03)**. Foram identificados **dois picos de menções** no período: um por volta de 23h50 de quarta-feira (14), com média de quase 594 tuitos por minuto, e outro a partir das 10h50 de quinta (15), alcançando média de 552 tuitos por minuto. **A título de comparação, o debate na mesma plataforma sobre a intervenção federal na segurança pública do estado somou 73,4 mil menções no mesmo período**, como mostra o gráfico a seguir. [...] segundo coletas da FGV DAPP. (FGV DAPP, 2018).

O ranqueamento do tema é o foco da matéria, que compara o “engajamento” (e a “popularidade”?) dos sujeitos ao caso de Marielle com o “engajamento” outro temas, no caso o da intervenção federal na segurança pública do estado. Destaco, da mesma matéria, a menção à própria *hashtag* em análise.

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

A hashtag mais usada no debate, **#mariellepresente**, aparece em 44,7 mil postagens (ou 8% do debate) e **constou dos trending topics do Twitter no Brasil**. Outras hashtags mais usadas são **#nãofoiassalto**, em 17 mil postagens (ou 3%); **#mariellefranco**, em 11 mil postagens (ou 2%); e **#mariellefrancopresente** e **#justicaparamarielle**, em cerca de 5,7 mil postagens (ou 1%) cada. (FGV DAPP, 2018).

Temos aqui um complexo sistema de re-produção político-midiática do acontecimento, uma vez que tanto o tuite dos pesquisadores que realizaram tais estatísticas, quanto os tuites que apresentavam a matéria jornalística sobre a pesquisa, estavam compondo, na linha do tempo do Twitter, o conjunto de tuites com essa *hashtag* e, desse modo, participando da construção desse texto, de sua composição autoral (ADORNO, 2015).

A partir do tuite publicado pelo perfil de @fabiomalini, cheguei à publicação de uma matéria da revista Piauí a propósito da pesquisa de @fabiomalini.



Figura 3 - Fonte: Capa reportagem Piauí.
Fonte: TOLEDO, 2018.

Na revista, enfatiza-se o modo como a pesquisa da rede #MariellePresente, identificava como "três nós principais" o perfis de @badgcat, @mariellefranco e @elzasoares, destacados pela matéria como perfis de "três mulheres negras e periféricas". Os tuites escritos pelos perfis de @badgcat e @elzasoares, remetendo ao perfil de @mariellefranco, foram, de acordo com o estudo apresentado pela revista, os que mais geraram "engajamento" dos "sujeitos-usuários". Na matéria, ressalta-se a tensão, oposição, que diz respeito à relevância dada aos perfis de @badgcat e @elzasoares, apontadas como "nós" de um "grupo" antes apagado nos subterrâneos do arquivo: "Quem ganhou espaço foi um novo grupo que costumava ficar alijado do debate político no Twitter. Desta vez, tornou-se o maior de todos [...]. Reúne perfis de origens variadas,

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

de youtubers a celebridades, passando por artistas e desconhecidos. Em alguns casos, ex-desconhecidos”. (TOLEDO, 2018).

Ao chamar a atenção para o fato de se tratar de um grupo que, em geral, não é escutado, revela-se também a lógica midiática que produzia a invisibilidade desse mesmo grupo. O enunciado mostra, portanto, o modo como designações como “celebridades”, “youtubers” e “ex-desconhecidos” passam a apontar para novas formas de legitimação. Aqui poderíamos perguntar: há lugar para o coletivo em espaços enunciativos informatizados? A visibilidade que o perfil @badgcat ganha, por ser individualizado e identificado na rede, leva a revista a entrevistar Milena Martins (Mia), transformando-a em uma celebridade instantânea. No entanto, dois destaques que a revista concede à voz de @badgcat marcam sua identificação com um lugar de dizer que remete a um enunciativo coletivo, ou que representa um coletivo. São eles “Informada pela **Piauí** de que seu tuíte era recordista de compartilhamentos, @badgcat respondeu, por meio de seu perfil no Instagram: **‘Fico lisonjeada por poder dar voz à revolta’**”. (TOLEDO, 2018). Embora a ênfase continue na espetacularização do perfil, o dizer de Mia remete à coletividade, produzindo mesmo uma crítica à essa razão midiática que sempre silencia o papel de mulheres como Marielle, pois, como destaca a matéria, Milena “reclama que, depois de eleita, mesmo estando cada vez mais ativa como vereadora, **Marielle havia desaparecido do noticiário**. ‘A mídia tá muito ocupada em nos fazer acreditar que política é só Bolsonaro e Lula. **Eles não nos deixam conhecer as Marielles**’”. (TOLEDO, 2018).

A questão da voz e da representatividade de Marielle, que já estavam presentes no tuíte do perfil @elzasoares, é retomada também por essa fala de Milena. Como destacado na matéria, o tuíte de @badgcat denunciava, no limite dos 280 caracteres, não só quem eram os possíveis responsáveis pela morte de Marielle, como também reafirmava por quem e pelo que ela lutava. Já no tuíte de @elzasoares, o foco é o papel que Marielle exercia como representante das minorias (mulher, negra, lésbica, ativista e defensora dos direitos humanos), conferindo à voz um papel principal, tanto a sua própria voz, que falta, quanto a voz de Marielle, que foi calada. Esse significante voz, é, em uma análise discursiva e não automatizada, o laço que unem os tuítes em sua discursividade, remetendo a um conjunto de dizeres que fazem emergir vozes silenciadas que, agora, ecoam em um nós que convoca um grito coletivo: “Gritemos!”. E aí uma pergunta se coloca: por que #MariellePresente é a *hashtag* mais “usada”? Ou, discursivamente, podemos nos perguntar: por que esse é o enunciado que vai pegar? Como pensá-lo em sua materialidade digital? Procurando avançar na análise da *hashtag* para além de sua “eficácia” em termos de “engajamento”, me voltei, então, para a leitura efetiva dos tuítes que faziam menção a ela, tentando compreender em que medida essa *hashtag* poderia ser entendida como um enunciado conferindo sentido ao acontecimento. (GUILHAMOU; MALDIDIER; ROBIN, 2016).

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

Partindo do que apresentei até aqui, passamos a apresentar agora a análise da linha do tempo criada a partir da *hashtag* #MariellePresente. Um recorte que se mostrou mostrou importante para compreendermos em que medida os tuites de @elzasoares e @badgcat relacionavam-se com a rede formada pela leitura automática da *hashtag* #MariellePresente. Em outras palavras, queria saber se os três “nós” da rede digital permitiam ler um “nós” remetendo de fato a uma rede discursiva^{vi}. Embora não caiba no espaço deste artigo apresentar o conjunto de todos os tuites recortados dessa linha do tempo da *hashtag*, consideramos relevante apresentar alguns dos tuites que apontavam para uma relação interdiscursiva com os tuites de @elzasoares e @badgcat. São eles:



Figura 4 -Tuites da linha do tempo criada a partir da *hashtag* #MariellePresente.

Como regularidade discursiva, destacamos a repetição dos significantes *nós* e *voz*, presentes também nos tuites de @badgcat e @elzasoares, e que remetiam a outros inúmeros enunciados que construíam para Marielle o lugar de representante, porta-voz, de minorias (mulheres, negras, lésbicas e ativistas). Aqui, interessa menos os perfis e mais o modo como os dizeres apontam para um modo de enunciação coletiva. Os tuites deixam de ser vistos como enunciados singulares em uma rede, aos quais os sujeitos “se engajam” e passam a ser considerados como parte de uma rede discursiva. Ela não produz “engajamento”, ela produz uma composição autoral que diz respeito à imbricação de diferentes materialidades significantes na materialidade digital.

Em oposição a *hashtags* já esvaziadas pela repetibilidade midiática, como poderia ocorrer com #SomostodosMarielle, a tag #MariellePresente rompe o ritual midiático que produz o “engajamento” dos sujeitos-usuários, identificados com a lógica da espetacularização do acontecimento, ao mesmo tempo que convoca sentidos outros, barrando a via rápida de uma re-apropriação generalizante tendendo ao esvaziamento dos sentidos da *hashtag*. Ao furar a rede social digital, ou melhor dizendo, a mídia social digital, a *hashtag* #MariellePresente produz fissuras no universo logicamente estabilizado dos espaços enunciativos informatizados, transformando, extra e ordinariamente, “os nós da rede” em “nós nas ruas”.

DOI: 10.29327/214648.8.31-9



Figura 6 -Tuite da linha do tempo criada a partir da hashtag #MariellePresente.

#MariellePresente é, assim, um enunciado que, no jogo parafrástico dos tuites em torno da voz (a voz de Marielle, a voz das mulheres, a voz dos negros, a voz dos policiais, a voz dos bandidos, a voz das lésbicas, a voz da favela, a voz das mães, a voz do povo), joga com a opacidade do enunciado. Quem está presente? Todos? Nós? A materialidade técnica da hashtag está imbricada aí com a materialidade histórica do enunciado na fórmula de Alguém+Presente. Um enunciado cuja memória discursiva remete a sujeitos que historicamente foram, em geral, vítimas de uma violência do Estado, um enunciado que remete a lutas de certos grupos sociais contra o desaparecimento ou eliminação desses sujeitos. Ao se (re)formular em um discurso de escritoralidade, no entanto, #MariellePresente, se constitui como um enunciado político, que materializa uma luta que é social, interditando aí uma adesão individual dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão teórica aqui apresentada permitiu mostrar o modo como sujeitos e sentidos se (re)significam nos espaços enunciativos informatizados, notadamente no Twitter, cuja normatização produz uma disputa pelos sentidos ordinários forjados pela digitalização do cotidiano e pela ênfase na midiaticização e espetacularização dos dizeres. Esperamos que as análises tenham contribuído para tornar opaca a materialidade digital, sobretudo demonstrando que a normatização dos espaços enunciativos informatizados afetam a prática jornalística de midiaticização dos dizeres, agora assentados não apenas na leitura dos episódios, mas também nas leituras automáticas que participam desses processos de leitura, conferindo maior legitimidade, no caso analisado, às leituras produzidas a partir de uma razão lógica e estatística, pela qual os sujeitos se debatem em torno dos sentidos do ordinários na interpretação do acontecimento.

Por outro lado, vimos também que no caso específico da *hashtag* #MariellePresente não podemos deixar de considerar que ao retomar a forma de um enunciado próprio do campo político. Um enunciado que faz emergir uma rede de dizeres que dizem respeito

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

não apenas à mídia social, mas sobretudo à uma rede social, uma rede social marginalizada, sistematicamente silenciada. Sujeitos e sentidos ordinários que jogam com as regras do espetáculo midiático para produzir fissuras nas instituições políticas e midiáticas, dando voz às minorias silenciadas.

Disputas em torno de efeitos sujeitos usuários e ordinários, colocando, de um lado, o sujeito midiático, extraordinário; e, de outro lado, o sujeito ordinário, comum, anônimo, aparecem aí como efeito da normatização dos espaços enunciativos informatizados. #MariellePresente é um enunciado que não cessou de circular no Twitter até os dias atuais, dando voz diária a diversas pautas e lutas coletivas, insistindo no fato de que não somos todos Marielle, porque Marielle é, hoje, o símbolo da luta de muitos, mas não de qualquer um.

REFERÊNCIAS

ADORNO DE OLIVEIRA, G. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. 2015. 1 recurso online (170 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

GALLO, S.; SILVEIRA, J. da. Forma-discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação In: GALLO, Solange; NECKEL, Nádia Régia Maffi; FLORES, Giovanna Benedetto. **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. 194. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017, v.3, p. 171-171.

GALLO, S. L. Sobre a normatização vigilante dos discursos midiáticos. In: 5º Simpósio Internacional Lavits: Vigilância, Democracia e Privacidade na América Latina: Vulnerabilidades e Resistências, 5, 2017, Santiago, Chile. **Anais do 5º Congresso Internacional LAVITS**. Santiago, Chile: Lavits, 2017. p. 426 - 438. Disponível em: <<http://lavits.org/wp-content/uploads/2018/04/74-Solange-Leda-Gallo.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

_____. Da escrita à escritorialidade: um percurso em direção ao autor online. In: RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L. dos; CASTELLO BRANCO, L. K. A. (Org.). **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre**. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora RG, 2011, p. 411-423.

GUILHAMOU, J; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2016. Tradução: Carolina P. Fedatto.

LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988.

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

_____. O recorte significativa da memória. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, S. (orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 1-6.

MORTE de Marielle Franco mobiliza mais de 567 mil menções no Twitter, aponta levantamento da FGV DAPP. In: **FGV DAPP**. São Paulo, 17 mar. 2018. Disponível em: <<http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-567-mil-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

NOGUEIRA, L.; CESTARI, M. J. Análise de discurso e militância política. In: **Anais do VI SEAD -Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, Rs: Instituto de Letras da Ufrgs, 2013, p. 1 - 7.

PAVEAU, M. “Hashtag”, **Technologies discursives**. 2013. [Carnet de recherche]. Disponível em: <<http://technodiscours.hypotheses.org/488>>. Acesso em: 28 maio 2014.

PÊCHEUX, M. Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 1, n. 2, p.35-55, fev. 1998. Tradução: Faustino Machado da Silva.

PEQUENO, V. **Tecnologia e esquecimento: uma crítica a representações universais de linguagem**. 2019. 224 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2019.

SAMBA Enredo 2019. Autores: Deivid Domênico; Tomaz Miranda; Mama; Marcio Bola; Ronie Oliveira; Danilo Firmino. Intérpretes: Marquinhos Art'samba. Música: **História Pra Ninar Gente Grande**. Rio de Janeiro: Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, 2019. (4 min 32 seg), son. Disponível em: <<http://www.mangueira.com.br/sambaenredo>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

SILVEIRA, J. da. Análise discursiva da hashtag#onagagné: entre a estrutura e o acontecimento. In: **Anais do VI SEAD**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. p. 1 - 7.

_____. **Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter**. 2015. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

_____. O efeito de rumor na discursivização do corpo político-midiático: imagens rumorais no discurso ordinário digital. **Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo**. v. 10, p. 57 - 80, 2016.

DOI: 10.29327/214648.8.31-9

_____. *Hashtag* e argumentação: proposta para o ensino de escrita e leitura em textualidades digitais. **Papéis:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS. v.21, p. 218-224, 2017.

_____. Rumores e hashtags: assuntos do momento? Observações sobre o discurso ordinário em espaços enunciativos informatizados. In: FERNANDES, C. B.; CASTRO, L. C. de (Org.). **Linguagem em (Dis-)Curso:** o espaço digital como lugar de produção de sentidos. Londrina: Syntagma Editores, 2019, E-book, p. 19-39.

SILVEIRA, S. A. da. Regulação algorítmica e os Estados democráticos. **Comciência**, Campinas, Sp, n. 204, p.1-1, 6 dez. 2018.

TOLEDO, J. R. de; MORAES, K. Marielle bate impeachment no Twitter. In: **PIAÚ:** anais da violência. São Paulo, 17 mar. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/marielle-bate-impeachment-em-alcance-no-twitter/>. Acesso em: 17 mar. 2018.

ⁱ Uma análise inicial da hashtag #mariellepresente aqui desenvolvida foi apresentada oralmente na Mesa redonda: Ler o arquivo hoje: materialidades no digital, durante a/o 4^a JIED - *Jornada Internacional de Estudos do Discurso e 3^o EIID - Encontro Internacional Imagem em Discurso*, 2018. Naquela ocasião, realizamos uma retomada de nossos estudos sobre *hashtag* e lançamos alguns questionamentos iniciais sobre a emergência da *hashtag* #mariellepresente (estávamos na semana do trágico assassinato da vereadora, portanto, no calor dos acontecimentos), que agora, neste artigo, temos a oportunidade de melhor desenvolver, responder, aprofundar.

ⁱⁱ Para compreender melhor a relação feita pela autora em torno dessas três formas de discurso, ver Gallo (2017).

ⁱⁱⁱ Uma análise mais aprofundada da relação entre contradição e controvérsias é apresentada por Gallo (2017).

^{iv} Vale destacar aqui que as análises e resultados dessa *hashtag*, como aqui apresentada, dizem respeito aos primeiros tuitos com a *hashtag* #MariellePresente, sendo que nossas leituras recaíram apenas nos três primeiros dias de sua formulação/circulação. Tendo como foco o principal o dia 14 de março de 2018. Do dia 16 em diante, essa rede começa a se dissipar, sobretudo pela emergência de uma rede de boatos sobre Marielle que desloca o foco do debate para a pessoa da Marielle, forças visando enfraquecer a sua imagem de porta-voz de minorias, visando fazer trabalhar a relação minorias/marginais/bandidos.

^v Devido à implicação bastante pessoal desse investimento de análise, bem como o impacto do acontecimento histórico, peço licença aos leitores deste artigo para passar a fazer uso da primeira pessoa o que é, também, uma forma de "intervenção teórico-analítica nas ciências", conforme propõem Nogueira e Cestari (2013, p.5).

^{vi} Rede discursiva, rede de filiações (PÊCHEUX).

*Doutora em Letras (UEM), em estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: juliasilveira@hotmail.com

DOI: 10.29327/214648.8.31-9